

Força de Defesa de Israel diz ter carta-branca para matar no Irã

Irã confirmou a morte do ministro Esmail Khatib em ataque das forças israelenses

Um dia após matar o homem-forte do regime iraniano, Israel anunciou ter atingido mais uma alta autoridade da teocracia e deu pela primeira vez carta-branca para suas Forças Armadas assassinares outras sem pedir permissão prévia ao comando militar.

Segundo o ministro da Defesa do Estado judeu, Israel Katz, um ataque israelense matou nesta madrugada de quarta-feira (18) Esmail Khatib, que ocupava a pasta de Inteligência em Teerã e era visto como muito próximo do novo líder supremo do país, Mojtaba Khamenei. O presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, confirmou a morte.

Além do anúncio, Katz disse que ele e o premiê Binyamin Netanyahu “autorizaram as Forças de Defesa de Israel a alvejar qualquer autoridade graduada do Irã sem a necessidade de aprovação adicional”. Até aqui, a morte de figuras importantes precisava passar por ambos.

Com isso, ele confirma a retomada do plano de decapitação

do regime iniciado no dia 28 de fevereiro, quando seu país seguiu os Estados Unidos de Donald Trump em um ataque devastador contra o Irã. Naquele primeiro dia, foram mortos o líder supremo, Ali Khamenei, pai de Mojtaba, e cerca de 40 autoridades políticas e militares.

Khatib era um nome importante do regime. Clérigo, ele era ligado tanto ao estamento da Guarda Revolucionária, o verdadeiro poder no país, quanto ao Judiciário.

Na terça (17), Israel havia matado Ali Larijani, o principal operador da teocracia, e o chefe da temida milícia Basij, Gholamreza Soleimani. O funeral de ambos ocorre nesta quarta em Teerã, e o governo buscou minimizar o impacto sobre o funcionamento das instituições.

“A República Islâmica está asentada sobre um sistema político poderoso e, por isso, não será afetada no caso de perder uma autoridade”, disse o chanceler Abbas Araghchi, que compareceu ao funeral, à rede qatari Al-Jazeera.

Sgt. Madelyn Keech/ Força Aérea dos Estados Unidos da América



Israel Katz (à esquerda) diz que suas forças não precisam mais pedir aprovação para atacar

Essa avaliação pode estar correta, mas é notável o desaparecimento de 20 altas autoridades do regime, talvez metade de seu corpo principal, em apenas 19 dias de conflito. Analistas apontam que Araghchi está certo em dizer que as instituições da teocracia, com suas influências e sobreposições, têm mantido o governo coeso apesar da pressão.

A aposta de Israel, de todo modo, parece ser em aumentar a intensidade. A ideia de que isso vai estimular os manifestantes que foram massacrados pela Guarda em janeiro a voltar para as ruas, contudo, parece estar no campo dos desejos.

O próprio Trump já desistiu dessa desculpa para a guerra, admitindo a falta de uma oposição unificada.

Assim, há ao menos duas formas de ver a exposição pública da política de assassinatos de lideranças. Por um lado, pode ser simplesmente uma decisão tomada por Trump e Netanyahu, uma vez que a tentativa do americano de obter apoio de aliados para reabrir o estreito de Hormuz fracassou.

Logo, nesta hipótese, a ideia é tentar pressionar ao máximo o regime. Uma segunda visão da situação, esposada por alguns críticos de Israel, é de que o Estado judeu busca matar qualquer possibilidade de negociação que venha a ser ensejada pela administração Trump.

Por mais linha dura que fosse em público, Larijani, por exemplo, era considerado um homem de conversa, tendo participado da costura do acordo de limitação do programa nuclear dos aiatolás em 2015.

Essa versão dos fatos evidencia a cada vez mais clara discrepância entre EUA e Israel: Trump quer uma vitória fácil para chamar de sua, Netanyahu segue obcecado em destruir a teocracia e suas capacidades ofensivas.

Por Igor Gielow
(Folhapress)

Guerra escala e leva terror a todo o Oriente Médio

A guerra no Oriente Médio teve na madrugada desta quarta-feira (18), 19º dia desde que Estados Unidos e Israel atacaram o Irã, uma das noites de violência mais espalhada pela região.

A retaliação promovida por Teerã pela morte na véspera do homem-forte do regime, Ali Larijani, levou a uma madrugada de terror nos países do golfo Pérsico atacados por sediarem bases americanas. Em Israel, o uso de mísseis pesados deixou dois mortos em Tel Aviv.

Já no meio da tarde (meio da manhã no Brasil), o Irã emitiu um alerta inédito de ataque a instalações energéticas nos Emirados Árabes, Qatar e Arábia Saudita, citando o bombardeio de sua infraestrutura de extração de gás natural pelos israelenses—cuja exploração do principal campo do mundo, chamado Fars, divide com Doha.

O ataque gerou protesto até dos qataris, que consideram a ação “irresponsável e perigosa” em nota da chancelaria.

Na mão contrária, após os EUA atacarem bases de mísseis ao longo da costa do golfo no Irã,

Israel voltou a promover ataques pesados contra o país persa e posições do Hezbollah no Líbano. Em Beirute, 12 pessoas morreram, e um edifício foi demolido com um único ataque nesta manhã.

O país árabe é o mais afetado pela guerra até aqui depois do Irã, que é o alvo primário, por abrigar o grupo extremista Hezbollah—que já lutou diversas vezes contra Israel, e desta vez o faz para apoiar os seus patronos em Teerã.

Com efeito, porque os alvos de Israel estão em áreas densamente populadas, a mortalidade libanesa no conflito é a maior em proporção tanto ao número de habitantes do país quanto em relação aos feridos.

Foram 926 mortos até esta manhã, além de 2.200 feridos. Já o Irã, que tem 16 vezes mais habitantes, conta 1.444 mortos e 18.551 feridos, segundo os dados mais recentes do governo.

Nesta manhã, o Irã prometeu manter a intensidade dos ataques e jurou vingança pela morte de Esmail Khatib, ministro da Inteligência.

U.S. Navy, Public domain, via WC



Guerra de EUA e Israel contra o Irã abala o Oriente Médio

O país persa indicou o caminho que tomará. Em uma rara ocasião na guerra, empregou seu míssil balístico Khorramshahr-4 contra Tel Aviv e o centro de Israel, e vídeos mostraram o momento em que a ogiva de pelo menos um deles desprende dezenas de submunições.

As chamadas bombas cluster, de fragmentação, são armas amplamente condenadas por deixarem um rastro de destruição potencial após os ataques. As pequenas bombinhas remanescentes às vezes não explodem, ficando como ameaças em solo.

Outras atingem alvos indiscriminadamente, como a casa de um casal de idosos no subúrbio de Ramat Gan, a sudeste de Tel Aviv. Ambos morreram, elevando para 16 o total de mortos no país nesta guerra.

A retaliação iraniana também deixou insones moradores do golfo. “Foi uma das noites mais barulhentas. Dava para ver o céu todo iluminado, e o alerta no celular não parou de piscar”, disse por telefone o brasileiro Mauro Araújo, consultor que está em Dubai.

O foco do ataque iraniano, com mísseis de curto alcance, foi o aeroporto da cidade, símbolo da pujança comercial e turística dos Emirados Árabes Unidos, país que concentra o grosso das ações de Teerã e já registrou oito mortos no conflito.

Houve interceptações de mísseis e drones também no Kuwait, Bahrain e Qatar. Na Arábia Saudita, defesas antiaéreas derrubaram aviões-robôs perto da capital, Riad, e houve registro de ataques pontuais na Jordânia e no Iraque.

No estreito de Hormuz, o contestado caminho de 20% do petróleo e gás natural liquefeito do mundo, alguns navios tiveram sua passagem permitida pelo Irã.

O presidente americano, Donald Trump, falhou em montar uma força-tarefa com aliados europeus e asiáticos para reabrir à força o tráfego marítimo na região, gerando uma nova crise com a aliança militar Otan.

Apesar da intensidade, não houve relatos de danos importantes ou mortes nessa onda de ataque, com a exceção do casal israelense.

O mesmo não se pode dizer das ações de quem começou a guerra, particularmente Israel nesta quarta. Além dos ataques direcionados a autoridades em Teerã, o Estado judeu bombardeou pesadamente Beirute e outros pontos do Líbano.

As Forças de Defesa de Israel disseram nesta quarta que seu próximo objetivo é, assim que a evacuação do sul do país estiver completa, bombardear pontes sobre o rio Litani, que marca o limite da zona tampão em que o Hezbollah não deveria operar segundo o cessar-fogo de 2024 entre os rivais.

Com operações terrestres em curso na região, a expectativa é que, na prática Tel Aviv volte a ocupar a região, como já fez de 1982 a 2000.

Por Igor Gielow
(Folhapress)